

Outra conferência foi sobre Santa Clara, pronunciada pela professora Maria Mar Graña Cid, da Espanha. Aos 350 anos da morte de Santa Clara há muito interesse em analisar sua contribuição pois ela é tida como a primeira mulher que escreve uma regra monástica para uma congregação feminina. Santa Clara morre em 1253, tendo obtido, três dias antes de sua morte a aprovação papal para sua regra monástica. A autora discorre que processos místicos estão associados ao desenvolvimento da escrita feminina, o que se dá nos séculos XIII e início do século XIV quando surgem muitas mulheres místicas as quais apresentam muitas escritas, ou seja, há um movimento religioso feminino pois no transcurso de 40 anos surgem seis textos normativos, regras. O primeiro documento normativo hoje conhecido e ainda preservado é o escrito por Santa Clara.

A seguir a conferencista discorre acerca do apoio mútuo desenvolvido entre Santa Clara e São Francisco. Santa Clara é 12 anos mais moça que São Francisco. Santa Clara é seduzida pelo projeto de São Francisco o qual não se preocupava com a escrita, mas com a pobreza, com o exemplo do Cristo pobre; a pobreza como forma de viver. Assim, Santa Clara, uma mulher culta e nobre – sabia ler, escrever, latim – vai em recolhimento com várias mulheres de sua família. Entretanto, o 4º Concílio de Latrão havia proibido de criar institutos religiosos sem que fossem aprovados pelo Papa. Embora as comunidades monásticas da época fossem hierarquizadas entre os alfabetizados e a baixa hierarquia, os não alfabetizados, Santa Clara não se preocupava com formação ou com o saber ler e sim com o seguir Cristo pobre. Isso impunha o domínio da oralidade e da memória sobre outras formas de transmissão. A conferencista associa liberdade feminina com oralidade, escuta e memória como formas de transmissão do saber, destacando o afã no ato de escutar a palavra predadora. Na época os homens não queriam as mulheres nas famílias pois podiam ser motivo de pecado do que decorre a pressão pela entrada de mulheres em conventos. Santa Clara nutre, autoriza, cura e dá a palavra, dá liberdade na geração de palavras. Esta associação entre palavra, fala e cura institui Santa Clara como a que faz milagres de enfermidades ligadas à garganta, cabeça, ouvidos, memória. A potência da palavra feminina de Santa Clara está ligada também a poder político. Por duas vezes a cidade de Assis estava por ser invadida e chamaram Santa Clara que enfrentou com a força de sua palavra e sua mística os invasores, prevenindo que tal ocorresse. A conferencista faz uma vinculação muito forte entre liberdade feminina e uso da palavra.

Flávia Obino Corrêa Werle
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS

RESENHA SOBRE O XXV ISCHE
(*International Standing Conference for the History of Education*)
São Paulo, 16 a 19 DE JULHO DE 2003

A vigésima quinta edição do ISCHE (International Standing Conference for the History of Education) realizou-se em São Paulo de 16 a 19 de julho de 2003 na Universidade Presbiteriana Mackenzie, numa iniciativa conjunta da Faculdade da Educação da Universidade de São Paulo e da Sociedade Brasileira de História da Educação. Tendo como membros da comissão organizadora os professores Cynthia Pereira de Sousa, Denice Barbara Catani, Jaime Cordeiro e Ana Waleska Mendonça, o encontro contou com trabalhos provenientes de vinte e seis países diferentes, reunindo cerca de duzentos e cinquenta pesquisadores, oriundos da África, da América Latina, dos Estados Unidos, da Europa, de Israel, da Austrália, da Malásia e de Taiwan. É importante salientar aqui que, pela primeira vez, o ISCHE foi promovido num país latino-americano graças à iniciativa e proposta do seu atual presidente – o professor António Nóvoa –, pois desde a sua primeira edição, em 1978, ele tem sido realizado, anualmente, em países europeus com exceção do encontro ocorrido em 1999 em Sidney, na Austrália. Vale ressaltar, também, o predomínio de comunicações do continente americano – da Argentina, do Chile, da Colômbia, dos Estados Unidos e do México e, sobretudo, do Brasil –, bem como a expressiva participação de Portugal, incluindo um número significativo de trabalhos em conjunto com investigadores brasileiros, evidenciando, desse modo, os resultados dos estudos comparativos que têm caracterizado a produção historiográfica dos dois países recentemente.

Com o tema *Escola e Modernidade: saberes, instituições e práticas*, o congresso propôs uma reflexão sobre a noção de modernidade nos estudos realizados no âmbito da história da educação, considerando – conforme esclarece a comissão organizadora na apresentação do *Caderno de Resumos* – tanto “o período compreendido entre os séculos XVI e XVIII, em que se sistematizam propostas e modelos pedagógicos e em que se constroem novos modelos de escola, quanto os séculos XIX e XX, em que se vê ampliado o âmbito da escolarização e em que se implantam os sistemas públicos da educação”. Os trabalhos apresentados distribuíram-se de forma mais ou menos equitativa entre os três eixos temáticos sugeridos para o encontro – *A modernidade e os processos de institucionalização da escola*, *A circulação internacional de saberes e modelos pedagógicos* e *A escola como objeto histórico* – sendo possível notar, entretanto, uma maior incidência de propostas nos sub-eixos *Escola, Estado e cidadania* e *Práticas escolares e saberes pedagógicos*. Tal fato, segundo a comissão

organizadora, "pode indicar uma atenção mais concentrada das investigações nas relações entre escolarização e política e no exame mais detido do funcionamento concreto das escolas e dos saberes que o suportam. No entanto, essa interpretação precisaria ser mais bem avaliada, já que a leitura mais detida da íntegra dos trabalhos parece poder revelar que muitos deles (se não todos) acabam operando no cruzamento entre diversas temáticas e abordagens, tendo havido uma preferência manifesta dos investigadores por um dos sub-temas devido às exigências da própria ficha de inscrição e à necessidade de agrupar os trabalhos de alguma maneira".

De fato, uma análise do conjunto de trabalhos apresentados no encontro permite identificar a recorrência de certas temáticas que perpassam os diversos sub-eixos propostos, como por exemplo, a educação de negros e indígenas, assim como dos povos colonizados. Do mesmo modo, os estudos sobre as diversas modalidades de ensino (infantil, primário, secundário, superior e profissionalizante) e a educação de grupos específicos (populações rurais, imigrantes, crianças com dificuldades de aprendizagem e menores infratores) também se encontram distribuídos entre os sub-eixos sugeridos pelo congresso, pois incluem tanto investigações acerca das políticas públicas e da legislação existente quanto pesquisas sobre os diversos aspectos da cultura escolar, considerando os seus agentes (notadamente, professores e alunos) sob diferentes perspectivas de sua inserção no mundo educacional. Assim, um número expressivo das colaborações se caracterizou pela intersecção de temáticas e de perspectivas de análise, evidenciando a riqueza dos estudos que têm sido desenvolvidos no âmbito da história da educação, cada vez mais atentos à pluralidade das iniciativas educacionais, dos atores e dos objetos que constituem o cotidiano escolar, bem como à diversidade de fontes, algumas das quais bastante recorrentes (os livros de leitura, os manuais escolares, a imprensa periódica educacional e as histórias de vida) e outras ainda pouco exploradas (as fotografias, os cadernos de professores, a literatura, a grande imprensa e a imprensa operária, as estatísticas e os livros de redação).

No decorrer do congresso, realizaram-se, também, encontros de dois Grupos de Trabalho. Um deles, dedicado às questões de gênero e coordenado pela professora Annemieke Van Drenth que, impossibilitada de vir ao Brasil, contou com a colaboração da professora Ruth Watts para a condução das discussões promovidas em São Paulo sobre a educação feminina e suas relações com a idéia de modernidade, o ensino religioso e o currículo escolar, bem como sobre os processos de constituição da feminilidade e da masculinidade. O outro grupo de trabalho, coordenado pelo professor André Robert e voltado para os estudos sobre o associativismo e o sindicalismo docente, elegera a greve de professores como tema das discussões, as quais

terão prosseguimento na próxima edição do evento, a ser realizada em Genebra, com o tema *Educação Nova: gênese e metamorfoses*. O ISCHE XXV contou, ainda, com as seguintes conferências: *Instruction Publique, Éducation Nationale et Liberté d'Enseignement en Europe occidentale au XIXe siècle*, realizada pelo professor Jean-François Chanet (Université Charles de Gaulle-Lille III, Institut Universitaire de France), *Progressivism, Schools, and Schools of Education: an American Romance*, proferida pelo professor David Labaree (Michigan State University) e *Representações da escola e da modernidade na I República Brasileira (1889-1930): circulação de modelos culturais*, ministrada pela professora Marta Carvalho (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Os textos das conferências, assim como dos trabalhos selecionados pela comissão científica do congresso serão publicados na edição da *Paedagogica Historica* consagrada ao ISCHE XXV.

Paula Perin Vicentini
Universidade de São Paulo (USP)/
Universidade Bandeirante de São Paulo (UNIBAN)

IX JORNADAS ESCUELAS / Departamentos de Historia,
Universidad Nacional de Córdoba, 24 al 26 de setiembre de 2003

Este evento fue organizado por la Escuela de Historia de la Universidad Nacional de Córdoba y llevado a cabo en la Ciudad Universitaria (UNC) durante los días 24 al 26 de setiembre de 2003. Cabe señalar que las actividades del mismo dieron comienzo con las palabras de bienvenida a cargo de la Directora de la Escuela de Historia-UNC, Dra. Gardenia Vidal y de la Decana de la Facultad de Filosofía y Humanidades, Prof. Carolina Scotto. Resulta particularmente estimulante que la Conferencia inaugural haya sido convocada bajo el título "Historia, Memoria, Presente", problemática hasta hace poco tiempo no suficientemente puesta en debate en las agendas de discusión académica de los historiadores. Participaron del interesante panel inaugural Mónica Gordillo (UNC), Cristina Viano (UNR) y Héctor Schmukler (UNC). El primer día del encuentro, dio una conferencia el Dr. Tulio Halperin Donghi (Universidad de Berkeley, USA), actividad que generó considerables expectativas dada la destacada trayectoria del orador; quien realizó substanciales reflexiones entroncadas con la historia argentina reciente. Otras actividades relevantes relacionadas con la preocupación por el estudio y difusión de la historia reciente, se nuclearon alrededor del Panel "Universidad pública y sociedad a veinte años de democracia".